

hoje tem fumus boni iuris em chã: as vantagens de ser fluvial

RESENHA DE *CHÃ* (2018), DE ENOO MIRANDA

Vinicius Gomes Pascoal¹

A menor distância entre quaisquer dois pontos é um poeta. Neste breve texto resiste uma tentativa de demonstrar como o poeta Enoo [Vinicius Bastista de] Miranda utiliza a metáfora do rio para a escrita de sua obra, *Chã* (2018).

Para tal efeito, utiliza-se *enoo* enquanto trocadilho etimológico existente no nome do autor de *Chã*. O rio Enns dá origem ao nome Enoo, em língua portuguesa. Esse rio nasce a 1.800 pés acima do mar. Se espalha por 518 mil metros de caminhada. Nasce pelo oeste Suíço de São Maurício. Passa imigrante pela Áustria. E por fim, chega na Alemanha.

Nesse trajeto de refugiado a única certeza é que a água sempre encontrará um caminho. É a descoberta de saber por onde a vida vai continuar.

A chave de leitura de *Chã* acontece pela compreensão da Zona da Mata Norte pernambucana. A cidade de Nazaré da Mata tem um décimo da extensão total do rio Enns que inspira o fluxo deste livro de poema. Na rota de aproximadamente 65km entre Recife e a Zona da Mata Norte, enquanto participante das sessões do Cineclubes Azouganda e dos afetos vespertinos à sombra e calmaria do Espaço Mauro Mota entre 2009 e 2013, o escritor pesquisou a fúria sertaneja de Faulkner e Guimarães Rosa muito antes do advento *Bacurau* tomar os círculos de conversa. Hoje, o autor coordena o Cineclubes Tela da Mata em paralelo às atividades de docência e produção cultural da cadeia do Livro Leitura Literatura e Bibliotecas por trás da aparelhagem de maçã retroiluminada por Steve Jobs e Tim Cook.

Pelas páginas de *Chã* o leitor vai encontrar um Enoo Flegetonte, que em águas flamejantes caminha pelas profundezas de Nazaré da Mata,

¹ Mestre em Teoria da Literatura pela UFPE (2015). Atualmente é tradutor freelancer na APPEN, pesquisador no NELI-UFPE & WYDEN, além de professor convidado no Programa de Pós-graduação em língua inglesa da Universidade de Pernambuco – UPE e no Programa de Pós-graduação em Literatura da Faculdade Frassinetti do Recife – FAFIRE. E-mail: vinicius.pascoal@icloud.com

Paudalho, Itambé, Goiana, e por onde mais se espalhar a BR 408. Essa correnteza dos versos vai lentamente, página por página, punindo e cozinhando em sangue fervente aqueles que cometeram crimes de violência contra seus pares. Assassinos, tiranos, capatazes, milicianos, empreiteiros, cimenteiros, políticos, vigilantes de usineiros, senhores de engenho com suas arquiteturas patronais de privilégios e trocas de favores. Todos esses vão sendo afogados nominalmente, ficando submersos na profundidade de violência e sofrimento que causaram.

INALAÇÃO

labaredas mascam
as margens da BR 408

e o fogo fura a cor do céu
em brasa

lusco-fosco
pós-apocalíptico

quisera fosse solstício de inverno
dia de São João Batista
sobrenome do meu avô

e as águas do Jordão jorrassem
sem parar
para lavar os pés
de que lavra o eito
desde tenro leito
e devorar cabeças
de capatazes em motocicletas
que ainda não foram
decapitados
pela jihad raivosa
de pomposos califas caminhando
sobre o mármore negro de fuligem

enquanto o panteão incendiário da mata

assiste Vishnu adormecer
no seio de Zumbi.
MIRANDA (2018, p. 38-39).

De versos amolados, *Chã* apresenta um Enoo Lete & Estige de hipertrofia muscular às causas sociais e sobretudo leitor dos versos de Mauro Mota e de Oscar Brandão da Rocha, seus conterrâneos da literatura. Nesses versos honrados do mundo idílico transbordam a alegria e afetividade que pululam as questões cotidianas da Zona da Mata Norte. Supõe-se nesta resenha que tais diálogos sejam fruto de uma provável sinergia do combate entre os versos de Mota, de Brandão de Rocha e dos versos contidos em *Chã*, como se perguntassem:

- De onde vem essa chuva trazida na ventania?
- Que rosas fez abrir? Que cabelos molhou?
- Deus te salve, princesa da Mata, com teus campos virentes em flor;
Nossas almas cantando, arrebatada, manda dos céus nossos cantos de amor.

Para um momento de contemplação coletiva que mais parece um encontro das águas ácidas do texto com um oceano cheio de “Perfume”:

[...] sem vandalismo é o caralho
e é provável que belzebu
tenha tatuado no peito
durante uma sessão da Universal:
gentileza gera gentileza

Mais amor por favor é pixo-poemeto
de elite branca alternativa
que nunca
levou baculejo
da polícia militar

o caminho
é mais ódio
sem pedir licença
e tem ódio aqui em

cada esquina
 do país em que
 pinho sol é
 artefato bélico
 ao sol a pino,
 ativista vira
 terrorista e Activia
 virá
 a
 ser
 café da manhã.

MIRANDA (2018, p. 45).

Essa doçura hipnotizante do mel de engenho, das rapaduras, do alfenim e canaviais da economia sucroalcooleira deve ser *muy* acolhedora nas Torres e Casas e Fortes do Pernambuco holandês escravagista, ou quem sabe talvez, em sua versão recheada de reformas neoliberais do capital financeiro contemplado por arranha-céus na Zona Sul. Esse gosto da Mata Norte também estoura os carburadores dos veículos que carrega trabalho humano em forma de gado para o poeta conjurar enquanto “transfusão *off road* de vermelho sangue em etanol” (MIRANDA, 2018, p.40).

Quando a essência de um Enoo, a forma da água, decide parar sua jornada, então se autoproclama aquífero. É sinalizado o desejo de ficar, para armazenar, reter, ceder, e um dia quem sabe partir. Nesse sentido, *Chã* parece um aquífero Guarani. Quando um Enoo decide seguir, logo se autoproclama Enoo Alísios. Diferente de um sufrágio universal, ao poeta a autodeclaração é a diplomação de sua chefia executiva estética, devendo assumir a missão de flutuar e provocar chuvas enquanto sopra de nordeste a sudoeste.

Esse brevíssimo apontamento que alcança leitores e leitoras pede permuta da função de leito para tornar-se margem esquerda do Enoo Tracunhaém que andou sobre o corpo pelo córrego Morojó, pelos Karamázov, Pacha Mama, pela imagem em movimento em *Trainspotting*, ou perto da escolha tropical feita por Bela Lugosi para gozar sua aposentadoria vampírica; Ainda sobre as vantagens de ser corrente fluvial, resta-nos outrora visita em *Tel Aviv* em busca de Tony Blair e quem sabe uma contaminação por ebola.

Quem se dedicou ao estudo de Faulkner e Rosa sabe que o Enoo Missisipi só se esgota depois de passar por três níveis: o alto, o médio e o baixo. O caminho desse poeta flutuante, sem credenciamento nos círculos armoriais, listas de influências, academicismos, clubes recreativos de escrita criativa ou passaporte oriundo de um sacro Pernambuco edificado em legado e laços sanguíneos, imprime a possibilidade de um caminhar sem tempo.

O rio de Enoo Miranda se chama *Chã*, e carrega consigo as vozes, lutas e memórias de um povo que insiste em se rebelar. São essas rebeldias que aclamam a obra enquanto vencedora do 5º prêmio Pernambuco de Literatura² e publicado pela CEPE – Companhia Editora de Pernambuco. Outras produções do escritor também podem ser encontradas em *Inquebrável: Estelita pra cima* (2014) e *Coletânea 1* (2015), da Mariposa Cartonera e Livrinho de Papel Finíssimo, respectivamente.

referências

MIRANDA, Enoo. *Chã*. Recife: CEPE, 2018.

_____. *Inquebrável: Estelita para cima*. Recife: Mariposa Cartonera, 2014.

_____. *Coletânea 1*. Recife: Livrinho de Papel finíssimo, 2015.

2 Em sua VI edição o Prêmio Pernambuco de Literatura foi renomeado para Prêmio Hermilo Borba Filho de Literatura.